

**UMA PROPOSTA PARA UNIFICAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES
CONTEMPORÂNEAS DOS LIVROS IMPRESSOS DA LITERATURA INFANTIL**

***A UNIFICATION PROPOSAL FOR CONTEMPORARY CLASSIFICATIONS OF
CHILDREN'S LITERATURE PRINTED BOOKS***

Lydia Helena Wöhl Coelho¹

André Luis Marques da Silveira²

Resumo

Este texto investiga as classificações contemporâneas dos tipos de Livros impressos de Literatura Infantil. A investigação propõe uma unificação destas classificações. Tal objetivo é caracterizado como descritivo e interpretativo, de abordagem qualitativa. O estudo se baseia em pesquisas documental e bibliográfica, e foi estruturado da seguinte forma: descrição das classificações Contemporâneas do produto Livro da Literatura Infantil, reordenamento das classificações existentes e a proposição de uma unificação. Espera-se que o estudo possa contribuir com pesquisas acadêmicas relacionadas ao design dos livros impressos da Literatura Infantil.

Palavras-chave: Design Editorial; Literatura infantil; Classificações de livros impressos.

Abstract

This text investigates the contemporary classifications of printed books of Children's Literature. This research proposes a unification of the current and diverse classifications. Its objective is characterized as descriptive and interpretive, with a qualitative approach. The study is based on documental and bibliographical research, structured as follows: description of the contemporary classifications of Children's Literature printed books; reordering of the existing classifications; and, as a result, a proposition of a unification of such classification. It is hoped that such study may contribute to academic researches related to the design of Children's Literature printed books.

Keywords: Editorial Design; Children's literature; Printed books classifications.

¹ Mestre, Programa de Pós-graduação em Design - MDes - UniRitter, lydiacoelho@gmail.com

² Professor Doutor, Escola de Comunicação, Artes e Design - PUCRS, andre.silveira@pucrs.br, andre@um.pro.br

1. Introdução

Apesar da rápida evolução das tecnologias eletrônicas, os livros impressos ainda possuem uma forte aceitação no mercado editorial e são reconhecidos como importantes, por parte da literatura especializada e de eventos da área. Considerando-se que esses, assim como outros produtos de mídia, estabelecem comunicação entre um autor e seu público, o qual recebe e decodifica as mensagens neles contidas, particularmente, nos livros da Literatura Infantil, tais mensagens são apresentadas de formas variadas - por exemplo, através de texturas, recortes, abas, figuras, cores e outros elementos gráfico-visuais. Essas formas tendem a ser surpreendentemente diversificadas, quando comparadas à configuração padrão do livro impresso. Em alguns casos, os elementos gráficos possuem um grande potencial comunicativo, de modo que o autor prescinde da mensagem textual. Entretanto, ainda hoje não existe um consenso entre os pesquisadores do campo do Design Gráfico quanto à classificação deste tipo de produção. É neste contexto, que o presente trabalho se insere, ao propor uma unificação das classificações contemporânea para os Livros impressos de Literatura Infantil.

A investigação é de natureza aplicada, caracterizada por objetivos descritivos, pautada por pesquisas documental e bibliográfica, a partir de uma abordagem qualitativa. Considerando-se isto, o texto encontra-se organizado em quatro (4) partes: na primeira, apresentam-se as Classificações Contemporâneas do produto Livro impresso da Literatura Infantil, a partir dos autores Luís Camargo (1995, s/d), Bruno Munari (2008), Van der Linden (2011), Ulla Rhedin (1992) e Nikolajeva e Scott (2011); na segunda, elabora-se uma proposta unificadora a partir da reordenação das classificações pré-existentes e da conceituação dos elementos gráficos presentes nas obras; após, procede-se a elaboração de um texto descritivo das classificações unificadoras; e, por fim, são feitas as considerações finais quanto ao estudo realizado. Ressalta-se que não é objeto de investigação do presente trabalho, os aspectos literários e educativos das obras da Literatura Infantil, tais como tipologias e gêneros textuais.

2. Classificações Contemporâneas do Livro impresso de Literatura Infantil

Neste estudo, entende-se que o Livro impresso da Literatura Infantil é um produto estético que sofreu transfigurações ao longo de sua História - principalmente aquelas relacionadas aos seus formatos, classificações, processos de produção e linguagens gráficas adotadas. Segundo Hunt (2010), por séculos, a atividade de escritor ocupava o centro das atenções, quando se pensava em Literatura Infantil. Já as atividades relacionadas à configuração do livro eram deixadas em segundo plano. Na atualidade, entende-se que a produção de um livro de Literatura Infantil se situa no campo do Design Editorial, uma especialidade do Design Gráfico. Sua produção demanda atividades práticas que lhe dão forma, a saber: projeto gráfico, diagramação, direção de arte e ilustração. Além disto, o designer gráfico pode exercer uma ou mais atividades desse processo, seja como diagramador, diretor de arte, ilustrador, dentre outras. Entretanto, essas atividades não são exclusivas da profissão.

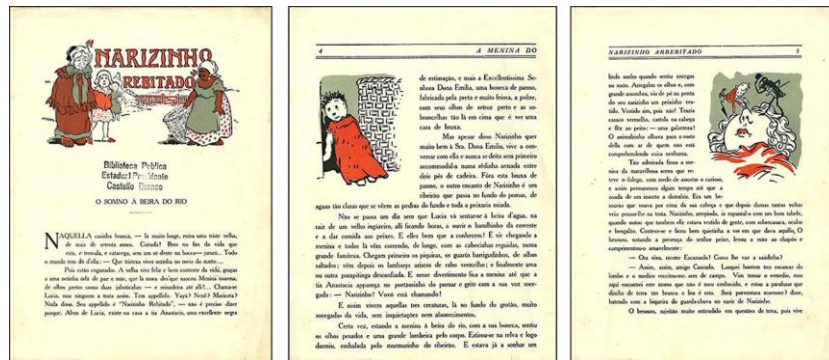
Segundo Haslam (2007), a criação de um livro envolve o planejamento formal, funcional, metodológico e simbólico, num equilíbrio entre o conhecimento técnico e a intuição. No escopo desta pesquisa, está-se interessado no conjunto de recursos expressivos das Linguagens Gráficas para a construção de nexos narrativos ou poéticos nos Livros impressos da Literatura Infantil. Para Paiva (2001), a inovação no design do Livro está na quebra de paradigmas das normativas do livro e da narração: novas possibilidades de articulação do material, novas informações, rejuvenescimento das capacidades linguísticas,

configurando-se como um aspecto finalmente “totalizador” da própria literatura, e não como um aspecto redutor, que enfatizaria, mais uma vez, certa marginalidade canônica.

Segundo o Glossário de alfabetização, leitura e escrita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulado “Glossário Ceale”, Camargo (s/d) coloca que os livros da Literatura Infantil podem ser classificados como:

1) **Livro ilustrado:** a história é narrada principalmente pelo texto e as ilustrações só o complementam. Nesse tipo, o texto é espacialmente predominante e autônomo quanto ao sentido da narrativa. Camargo cita como exemplo “A menina do narizinho arrebitado” (1920), de Monteiro Lobato (Figura 1).

Figura 1: A menina do narizinho arrebitado (1920), ilustrado por Vitolino.



Fonte: Disponível em < <http://fabulasdelobato.blogspot.com.br> > Acesso em outubro de 2016.

2) **Livro de imagem:** a história é quase que totalmente narrada por figuras, prevalecendo suas intenções narrativas. Neste, há pouco ou até mesmo nenhum texto. Isso significa que cabe quase que exclusivamente à ilustração a função narrativa/poética. Esta denominação também não é exclusiva, de modo que também pode ser chamada de: “álbum de figuras, álbum ilustrado, história muda, história sem palavras, livro de estampas, livros de figuras, livro mudo, livro sem texto, texto visual, etc.” (CAMARGO, 1995, p. 70). Um exemplo deste tipo é “Ida e volta” (1976), de Juarez Machado.

Figura 2: Ida e volta (1976), de Juarez Machado.



Fonte: Disponível em < <http://bibliomcmarioquintana.blogspot.com.br> > Acesso em outubro de 2016.

3) **Livro de texto e ilustrações:** tipo de livro cria uma narração “a duas vozes”, na qual se desenrola a narrativa ou a poesia por intermédio da articulação de imagens e textos, de forma híbrida e interdependente, tal como em “Flicts” de Ziraldo.

Figura 3: Miolo de *Flicts* (1969), de Ziraldo.



Fonte: Disponível em <<http://boaleituraparavoces.blogspot.com.br>> Acesso em outubro de 2016.

Camargo (2004), atenta que outros sentidos podem ser explorados no livro infantil, tal como o tátil, no caso de livros em Braille. Sobre a classificação deste tipo de livro, a melhor referência para estudo de leituras (ou experiências) sensoriais é Bruno Munari (1907-1998), que defendia a configuração de livros infantis como objetos, projetados “para todos os sentidos” (MUNARI, 2008, p. 373). Para isso, Munari, já na década de 1980, estudava como funcionariam os livros sem palavras, aos quais deu os nomes de “livros ilegíveis” e “pré-livros” (ibidem, p. 210 e 221, respectivamente). Estes, são definidos como:

1) **Livros ilegíveis:** preocupam-se com a linguagem gráfica advinda do material do livro, em termos visuais e táteis. O autor defende a importância da visualidade do livro, abolindo o texto. O suporte do livro, que era utilizado somente para a impressão de palavras, torna-se o cerne da comunicação e conteúdo do livro. Esse tipo de livro pode conter ilustrações; porém, explora-se sobretudo o caráter comunicativo da Linguagem Gráfica Esquemática, através do uso de diferentes tipos de papéis (transparentes, texturizados, ásperos, lisos, reciclados, parafinados, de palha, vegetal, sintético, macio, rígido, flexível, etc.), que podem comunicar sua qualidade. Por exemplo, para Munari (2008, p. 213), o “acetato dá uma sensação de neblina”. Formatos de páginas iguais comunicam monotonia, formatos organizados de modo crescente ou decrescente passam uma informação visual rítmica, dentre outras situações.

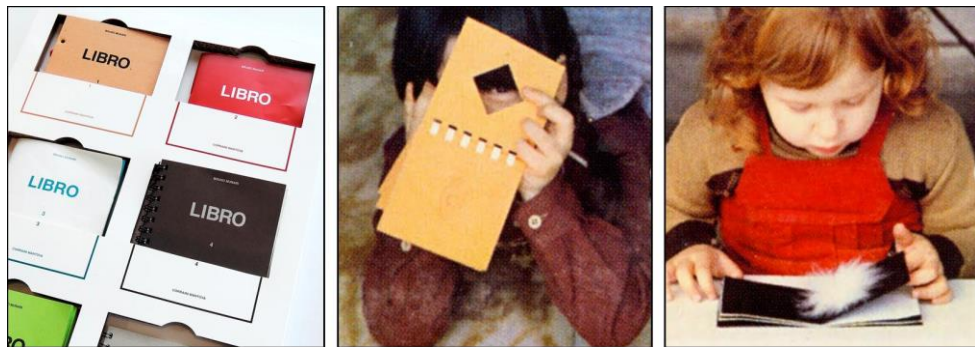
Figura 4: Livro ilegível, de Bruno Munari.



Fonte: Disponível em <<http://www.aedisevilla.es/bruno-munari/>> Acesso em março de 2017.

2) **Pré-livros:** têm o formato padrão de livro, mas contêm materiais, encadernações e cores diversos, mantendo-se um nexu narrativo entre esses suportes. Assim, espera-se habituar a criança a não repetir sempre a mesma forma de representação, até que ela se fixe; mas, ao contrário, incentivar ela a pensar, imaginar e fantasiar sempre de forma diferente a cada nova interação com o livro. Exemplares da coleção de doze (12) pré-livros criada por Munari podem ser vistos na Figura abaixo.

Figura 5: Pré-livros, de Bruno Munari.

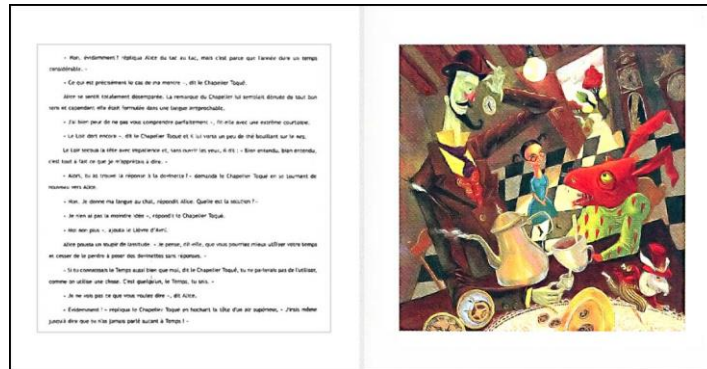


Fonte: Disponível em <<http://www.aedisevilla.es/bruno-munari/>> Acesso em março de 2017.

Anterior a esses estudos e experimentações sobre as potencialidades visuais e táteis dos livros, Munari já havia estudado o potencial comunicativo das Linguagens Gráficas na Literatura Infantil, tal como em sua obra *Na Noite Escura* (1956). Nesta obra, é possível compreender a narrativa devido ao uso de diferentes suportes, texturas e recursos visuais, onde se transcende a relação verbo-visual da mensagem narrativa, passando ela a ser transmitida através do objeto por inteiro. Por isso, ela implica múltiplas sensações e percepções por parte do leitor.

Para Van der Linden (2011, p. 22-25), a Literatura Infantil atual atende a diversas classificações. A autora ressalta a dificuldade de se estabelecer um termo fixo, uma vez que esse conceito possui diferentes denominações ao redor do mundo, como: “*Album*” ou “*Livre d’images*”, em Francês; “*Álbum ilustrado*”, em Português; “*Álbum*”, em Espanhol; “*Picture book*”, em Inglês; etc. Assim, a autora considera que há pelo menos oito (8) formas de classificação do livro da Literatura Infantil com características diferentes, a saber:

- 1) **Livro com ilustração:** o texto é espacialmente predominante e autônomo do ponto de vista narrativo (Figura 6). A imagem é o apoio ao texto, reforçando a narrativa do autor. Esse tipo de livro, muitas vezes, acrescenta ideias que o texto escrito deixou implícito. Logo, isto significa reconhecer que a ilustração não tem função isolada, mas só em relação a um texto pré-existente. O texto toma de empréstimo as informações presentes na imagem para ampliar aquelas que deseja transmitir ao leitor.

Figura 6: *Les Aventures d'Alice au Pays des Merveilles* (2000), ilustrado por Jong Romano.

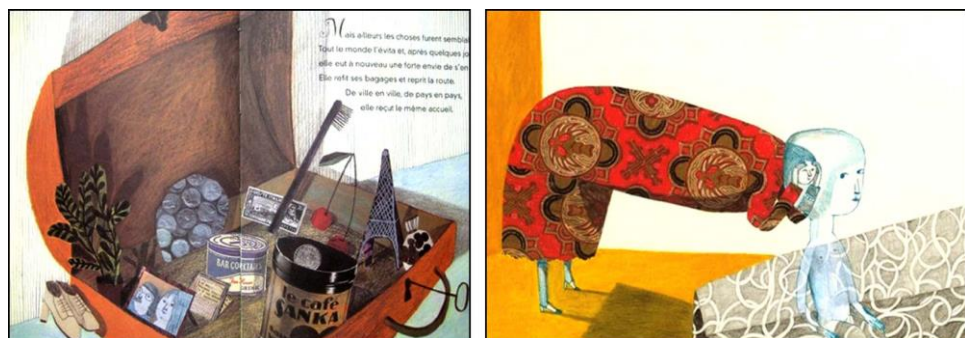
Fonte: Van der Linden (2011, p. 24).

2) **Primeiras leituras:** dirige-se a leitores em processo, situado entre o livro ilustrado e o Romance. Em geral, a narrativa é sequenciada em capítulos curtos. A diagramação se assemelha a das histórias ilustradas, mas também pode conter vinhetas (Figura 7).

Figura 7: *Rue de La Dame en Noir* (2001), ilustrado por Gaëtan de Séguin.

Fonte: Van der Linden (2011, p. 24).

3) **Livros ilustrados:** a ilustração é especialmente preponderante em relação ao texto que, em alguns casos, pode estar ausente. A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e ilustrações.

Figura 8: *Gisèle de Verre* (2002), de Beatrice Alemagna.

Fonte: Disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/219057969345937088/>> Acesso em março de 2017.

4) **História em quadrinhos (HQ)**: caracterizado pela sequência de “ilustrações solidárias”, na qual a organização da página corresponde a uma disposição compartimentada, onde os quadrinhos se encontram justapostos, podendo ser apresentados em vários níveis (Figura 9).

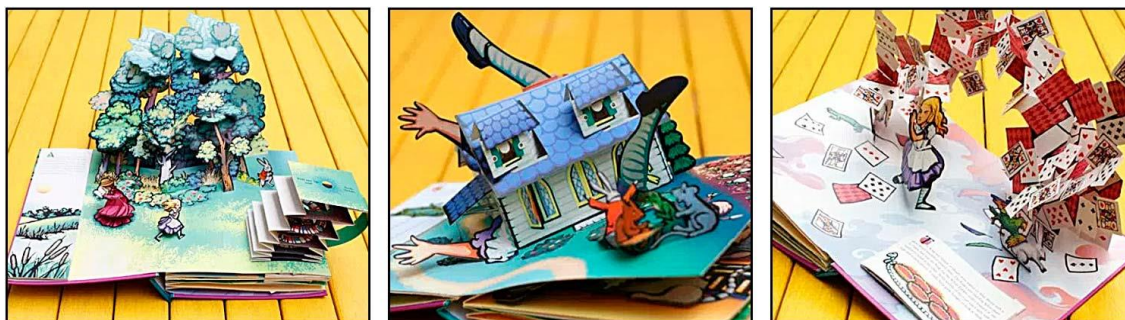
Figura 9: *Petit Vampire et la société protectrice des chiens* (2001), de Joann Sfar.



Fonte: Disponível em <http://www.vaste-monde-sfar.com/oeuvre/petit_vampire> Acesso em março de 2017.

5) **Livro pop-up**: erroneamente, o termo é muitas vezes aplicado a qualquer livro tridimensional. Sua definição correta abrange os livros que podem conter sistemas de esconderijos no espaço das páginas duplas, abas, encaixes, etc. Isso permite mobilidade dos elementos, ou mesmo um desdobramento em três dimensões.

Figura 10: *Alice no país das maravilhas* (2003), ilustrado por Robert Sabuda.



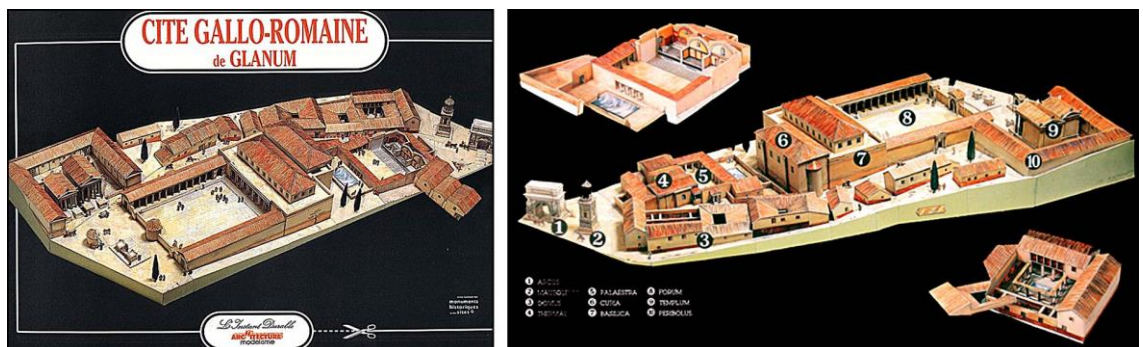
Fonte: Disponível em <<https://www.brainpickings.org/2012/06/28/alice-in-wonderland-pop-up-book/>> Acesso em março de 2017.

6) **Livro-brinquedo**: objeto híbrido, situado entre o livro e o brinquedo. Apresenta elementos associados ao livro, ou livros que contêm elementos em três dimensões (pelúcia, figuras de plástico, etc.).

Figura 11: *Une souris verte* (2000), editado por Latitude Enfant, Paris.

Fonte: Disponível em <<http://www.natureetdecouvertes.com/enfant/librairie>> Acesso em março de 2017.

7) **Livros interativos:** apresentam-se como suporte de atividades diversas: pintura, construções, recortes, colagens, etc. Podem abrigar materiais diversos – para além do papel-, necessários para uma atividade manual (com tintas, tecidos, miçangas, adesivos, etc.).

Figura 12: *Cité gallo-romaine de Glanum* (2004), ilustrado por A.-M. Pivlet.

Fonte: Disponível em <http://www.instantdurable.com/id_maquettes/arts_histoire> Acesso em março de 2017.

8) **Livros imaginativos (*imagiers*):** apresentam, a um só tempo, organização material e funcionalidade específica indissociáveis. Esse tipo de livro visa ao ensino da ordem de leitura por intermédio do reconhecimento de ilustrações referenciais e descritivas. Incluem uma sequência de representações - acompanhadas ou não de equivalentes linguísticos - em geral organizadas em agrupamentos lógicos.

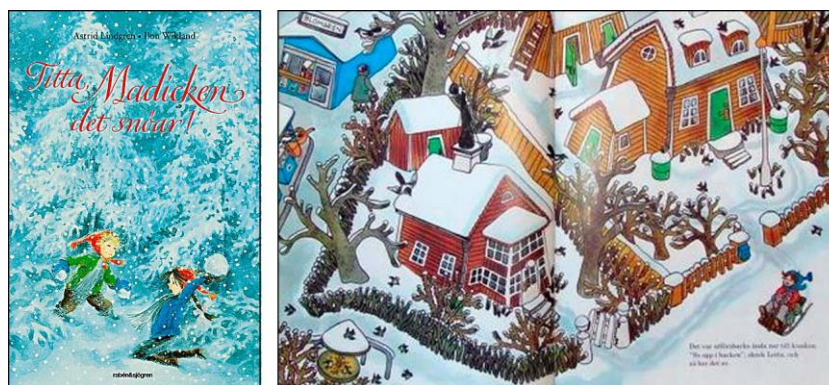
Figura 13: *L'imagier de Guillaume* (2005), de Guillaume Long.

Fonte: Disponível em <<http://www.lajoiedelire.ch/livre/limagier-de-guillaume/>> Acesso em março de 2017.

Para Ulla Rhedin (1992), as formas de classificação dos tipos de livros da Literatura Infantil decorrem de seu desenvolvimento histórico. A autora aborda, em específico, o termo "Picture book" para se referir ao que poderia ser traduzido por "livro ilustrado" (tradução nossa). Segundo Ulla Rhedin, três (3) conceitos definem a evolução técnica-visual-gráfica do "Picture book", entendidos como possibilidades de criação, a saber:

1) **Texto ilustrado:** este tipo costuma ter um texto primário, geralmente épico e auto-suficiente, que não necessita ou depende das ilustrações para fins narrativos/poéticos. Assim, as ilustrações, embora possam ser preponderantes, são meramente decorativas em relação ao texto. Um exemplo desta possibilidade é "*Titta, Madicken det Snöar*" (1983), de Astrid Lindgren, ilustrado por Ilon Wikland (Figura 14).

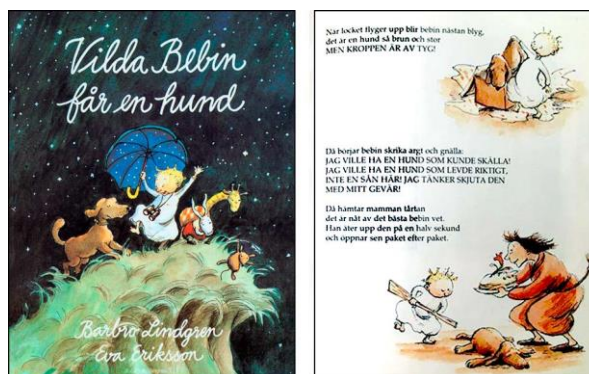
Figura 14: *Titta, Madicken det Snöar* (1983), ilustrado por Ilon Wikland.



Fonte: Disponível em <<http://cecilia.ekhemmanet.se/madickenfeeling/>> Acesso em março de 2017.

2) **Texto expandido ou encenado:** considerado, pela autora, como "Caldecottiano". É classificado como um tipo normalmente pequeno, lacônico, vago, com um final aberto, não-icônico e não-épico. Os textos desse tipo precisam ser complementados pelo leitor para serem entendidos. Por isso, eles precisam ser "expandidos"; isso quer dizer, encenados, de modo a se tornarem subordinados às ilustrações, tal como no livro *Vilda bebin får en hund* (1985), de Barbro L., ilustrado por Eva Eriksson (Figura 15).

Figura 15: *Vilda bebin får en hund* (1985), ilustrado por Eva Eriksson.



Fonte: Disponível em <<http://www.tradera.com>> Acesso em março de 2017.

3) **Livro trimídia:** considerado, pela autora, como um “livro ilustrado genuíno” (op.cit., 1992, p. 266, tradução livre), no qual não há apenas a cooperação entre ilustrações e texto, mas também com a mídia do livro, entendida como uma expressão em si mesma, que contribui para a síntese narrativa. Essa “mídia” é encarada como a soma de “ferramentas de expressão dramática” (op. cit., 1992, p. 272, tradução livre), que podem ser o *layout*, as margens, as cores e as técnicas de reprodução, que contribuem com a dramaticidade advinda do virar de páginas. Um exemplo desse tipo é a obra *Onde Vivem os Monstros* (1963), de Maurice Sendak (Figura 16). Outros exemplos são os livros dos autores nórdicos Fam Ekam e Thomas & Anna-Clara Tidholm.

Figura 16: *Onde Vivem os Monstros* (1963), de Maurice Sendak.



Fonte: Disponível em <http://catatu.catalivros.org/janela_papel/> Acesso em maio de 2017.

Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011), ao estudarem o “livro ilustrado” [*Picture Book*], concordam com a primeira classificação de Rhedin (1992); porém, consideram suas duas últimas classificações insuficientes quanto à descrição de tipo de livro enquanto produto de mídia, pois não abrangem o amplo espectro de inter-relações entre suas Linguagens Gráficas. Nesse sentido, as autoras classificam o livro ilustrado a partir de dois extremos, numa dinâmica verbo-visual, qual seja: “texto sem imagens” e “livro-imagem” (op cit., p 25).

Os dois eixos citados pelas autoras se dividem em duas subcategorias, a saber: no lado textual, textos narrativos e não-narrativos; e, no lado visual, narrativas sem texto (livro-imagem) e livro demonstrativo (não narrativo e não sequencial). No entremeio desses dois extremos estão os tipos de “livro ilustrado” das autoras, classificados em: 1) simétrico, no qual a ilustração decora o texto, numa medida idêntica, podendo cada um ser lido separadamente; 2) complementar, no qual a inter-relação verbo-visual não colabora para estimular a imaginação do leitor, pois não deixa lacunas para isso; 3) “expansivo”, em que as ilustrações não realizam um contraponto às palavras, mas às expandem, reforçam e elaboram; 4) “contraponto”, no qual há contraposição entre os textos, no intuito de desarmar tentativas de dar sentido ao todo e estimular a inventividade do leitor; e 5) “siléptico”, cuja intenção do autor se apresenta de modo implícito, onde textos trabalham com o sentido figurado, dependente da interpretação de cada leitor. Este último tipo pode conter palavras, ou não. No quadro abaixo é possível visualizar as relações apresentadas pelas autoras.

Quadro 1: Diagrama “palavra-imagem” das classificações de livro ilustrado de Nikolajeva e Scott.

PALAVRA	
TEXTO NARRATIVO	TEXTO NÃO-NARRATIVO
<ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo com poucas ilustrações 	<ul style="list-style-type: none"> • Livro de lâminas (Abecedário, poesia ilustrada, livro com ilustração não-ficcional)
<ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo com pelo menos uma imagem por página dupla (Não é dependente da imagem) 	
1) Livro ilustrado simétrico (Duas narrativas mutuamente redundantes)	
2) Livro ilustrado complementar (Palavra e imagem preenchem uma a lacuna da outra)	
3) Livro ilustrado "expansivo" ou "reforçador" (A narrativa visual apoia a verbal, a narrativa verbal depende da visual)	
4) Livro ilustrado de "contraponto" (Duas narrativas mutuamente dependentes)	
5) Livro ilustrado "siléptico" (Com ou sem palavras; duas ou mais narrativas independentes entre si)	
Narrativa de imagens com palavras (sequencial)	Livro demonstrativo com palavras (não narrativo, não sequencial)
Narrativa de imagens sem palavras (sequencial)	
Livro-imagem	Livro demonstrativo (não narrativo, não sequencial)
IMAGEM	

Fonte: Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011, p. 27).

3. Proposta para Unificação das Classificações dos Livros da Literatura Infantil

A partir da revisão das diferentes classificações dos Livros impressos da Literatura Infantil estudadas, elaborou-se o Quadro 2. Observa-se, que as classificações que possuem significados semelhantes foram agrupadas por cores, a fim de que, num momento posterior, pudessem ser reconfiguradas, em uma proposta de unificação das classificações.

Quadro 2: Classificações existentes para os Livros impressos da Literatura Infantil.

RHEDIN (1992)	CAMARGO (S/D)	MUNARI (2008)	VAN DER LINDEN (2011)	NIKOLAJEVA E SCOTT (2011)
Texto ilustrado	Livro ilustrado	Livro ilegível	Livro com Ilustrações	Livro Ilustrado Simétrico
Texto expandido	Livro de imagem	Pré-livros	Primeiras leituras	Livro Ilustrado Complementar
Livro trimídia	Livro de texto e ilustração		Livro ilustrado	Livro Ilustrado Expansivo
			HQ	Livro Ilustrado Contraponto
			Livro Pop-up	Livro Ilustrado Siléptico
			Livros-brinquedo	
			Livros interativos	
			Livros imaginativos	

Fonte: Rhedin (1992), Camargo (1995, 2004, s/d), Munari (2008), Van der Linden (2011) e Nikolajeva e Scott (2011).

Para tanto, como já foi afirmado ao longo do texto, adotou-se a premissa de que o design de Livros Impressos da Literatura Infantil explora diversas formas de linguagem para comunicar suas mensagens, como por exemplo, através de texturas, recortes, abas e outros elementos gráfico-visuais. O uso destes, tende a ser surpreendentemente diversificado, quando comparado à configuração padrão do livro. Considerando-se isto, entende-se que seja necessário conceituar os elementos gráficos presentes nos livros, entendidos aqui como Linguagens Gráficas (LGs), para viabilizar a proposta de unificação das classificações.

Para auxiliar neste processo, partiu-se do Modelo de Linguagem para a Comunicação Gráfica, concebido por Twyman (1982), e utilizado sobretudo para estudos em Tipografia. Na descrição deste Modelo, Twyman (1985) afirma que a “Linguagem Gráfica Pictórica” (LGP) comporta representações produzidas manual ou mecanicamente, “que remetem, por mais remota que seja, à aparência ou à estrutura de algo real ou imaginado” (ibidem, p. 249, tradução nossa). O autor conceitua a LGP como uma representação figurativa, que carrega propriedades icônicas daquilo que ela representa, tais como: fotografia, desenho, pintura, gravuras, colagem, manipulação de softwares gráficos, e demais formas bidimensionais. Neste artigo, entende-se que nos livros da Literatura Infantil, a configuração da LGP resulta na ilustração e compreende às formas visuais presentes nos livros impressos que podem ser elaboradas através de materiais plásticos, pictóricos e/ou digitais.

Quanto à Linguagem Gráfica Verbal (LGV), entende-se que ela corresponde as representações gráficas da língua verbal escrita, especificamente, as formas tipográficas que materializam o sistema da escrita e que estruturam o espaço a ser “lido”. Neste sentido, fatores como espaçamento entrelinhas, letras e a seleção tipográfica influenciam, por exemplo, a legibilidade e a leiturabilidade. Segundo Niemeyer (2003), diversos fatores afetam a legibilidade, como por exemplo, o grau de contraste entre a letra e o fundo e o nível de fadiga visual do leitor. A leiturabilidade, por sua vez, é o que qualifica a legibilidade; isso quer dizer, que uma linguagem gráfica verbal pode ser legível, mas não ser confortável aos olhos, tornando a leitura cansativa.

Quanto à Linguagem Gráfica Esquemática, Finizola (2010) coloca que ela engloba artifícios gráficos utilizados para facilitar a organização visual das peças gráfica, que não se enquadram nem na categoria pictórica, nem na verbal. Nesse sentido, a autora considera que ela pode ser: barras, fios, tabelas, quadros, etc. De acordo com Finizola e Coutinho (2011), a LGE pode estruturar de modo simultâneo a LGV e LGP, trazendo novos modos de comunicação, tais como em: mapas, diagramas, infográficos, quadrinhos, etc.

De acordo com Fuentes (2006, p. 80), “a representação esquemática é uma disciplina que surge da necessidade de exemplificar ou mostrar sistemas, desenvolvimentos ou processos”. O autor acrescenta, assim, que lhe é necessária uma linguagem própria. Esta, pode ser expressa por: a) organogramas, sociogramas, cronogramas, árvores de decisão, redes, logigramas, histogramas, mapas, infogramas, estruturas, relações, evoluções, etc.; e b) vários níveis de abstração, sempre sobre uma base material. Desse modo, esses níveis “nunca chegam a ser completamente abstratos” (COSTA apud FUENTES, 2006, p. 80).

Spinillo (2016), ao propor uma ampliação do modelo de Twyman (1982), insere a “Linguagem Tátil” entre os “Canais” de comunicação. A autora amplia o entendimento das Linguagens Gráficas, ao considerar seus aspectos táteis. Seguindo-se tal entendimento, a LGE em livros da Literatura Infantil corresponde aos modos de simbolização por meio de representações de estruturas não só visuais, mas também táteis, organizando a disposição das mensagens gráficas através da definição de: formato dos livros, suporte sobre o qual LGP e

LGV são impressas, esquemas, demais elementos que estruturam o livro e que podem propiciar experiências multissensoriais.

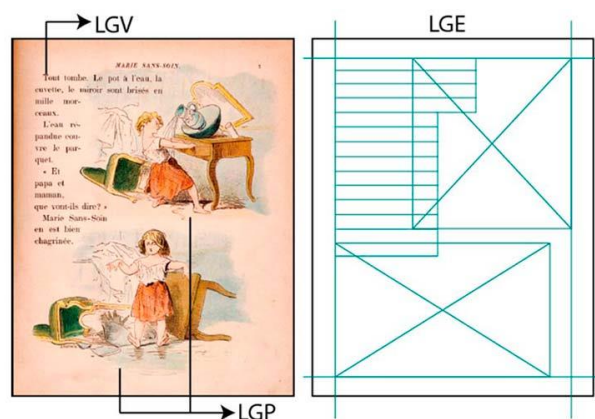
Quadro 3: Linguagens Gráficas (LGs) presentes na Literatura Infantil impressa.

LINGUAGEM GRÁFICA (VISUAL E/OU TÁTIL)		
VERBAL (LGV)	PICTÓRICA (LGP)	ESQUEMÁTICA (LGE)
<p>Representação gráfica da língua através de formas específicas que materializam o sistema da escrita e que estruturam o espaço a ser “lido”.</p> <p>Marcas (que possuam significado e sentido) que possam ser pronunciadas;</p> <p>Articulação gráfica do texto.</p>	<p>Representação gráfica bidimensional de mensagens não-verbais e não-esquemáticas;</p> <p>Carrega propriedades icônicas do que é representado (real ou imaginado).</p> <p>Marcas (que possuam significado e sentido) que possam ser tidas como ilustração/figura.</p>	<p>Composição esquemática, bi e tridimensional, dos livros, que pode promover experiências multissensoriais.</p> <p>Marcas (que possuam significado e sentido) que não possam ser tidas como verbais ou pictóricas.</p>
Tipografia	Ilustração	Esquemas e formatos

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ainda de acordo com Twyman (1982), a disposição e organização dessas linguagens em peças gráficas estão relacionadas a “modos de configuração”, os quais são estruturados, por ele, por intermédio de uma matriz para utilização/configuração das LGs (op. cit., p. 8). Tal organização e disposição das LGs, portanto, podem ser compreendidas como o layout dos livros da Literatura Infantil. No intuito esclarecer esse entendimento, apresenta-se na figura abaixo, indicações do emprego das Linguagens Gráficas (LGV, LGP e LGE) na obra da Literatura Infantil *Mademoiselle Marie Sans Soin* (1867).

Figura 17: Mademoiselle Marie Sans Soin (1867), de Bertall Bertall.



Fonte: Elaborado pelos autores.

A seguir, apresenta-se um quadro síntese da proposta de unificação das classificações dos Livros da Literatura Infantil. Para tanto, partiu-se das classificações pré-existentes (Quadro 2) e da identificação das suas características básicas. Após, procedeu-se o emparelhamento de

termos e conceitos, e da observância da ênfase da Linguagem Gráfica identificada (Quadro 3) na classificação investigada. Por fim, atribui-se uma designação as classificações, respeitando a terminologia estabelecida pelos autores estudados.

Quadro 4: Proposta para unificação das classificações dos Livros da Literatura Infantil.

CLASSIFICAÇÃO DOS LIVROS DA LITERATURA INFANTIL X CARACTERÍSTICAS BÁSICAS	LIVRO BRINQUEDO	LIVRO DE IMAGEM	LIVRO ILUSTRADO	LIVRO COM ILUSTRAÇÃO
1. É um objeto multissensorial, interativo e/ou mutável.				
2. Explora sobretudo o potencial comunicativo da Linguagem Gráfica Esquemática, com ênfase no suporte utilizado.				
3. Pode conter Linguagem Gráfica Pictórica e Linguagem Gráfica Verbal; porém, esta última é menos comum.				
4. Possui elementos interativos bidimensionais (recorte, colagem, pintura, etc.) e/ou tridimensionais (pelúcia, tecidos variados, plásticos, abas, encaixes que saltam das páginas quando abertas, etc.), com o objetivo de despertar interesse no leitor pelo objeto livro.				
5. Ênfase indiscriminada na Linguagem Gráfica Pictórica.				
6. Articulação dos elementos da Linguagem Gráfica Pictórica que compõem a narrativa ou poesia, privilegiando seus sentidos implícitos e suas metáforas visuais.				
7. Não há uso de textos no miolo do livro.				
8. Possui ênfase na relação híbrida entre todas as Linguagens Gráficas (Pictórica, Esquemática e Verbal).				
9. Narrativa ou poesia faz uso de todas as linguagens de modo interdependente.				
10. Textos breves, por vezes ausentes.				
11. Possui ênfase na Linguagem Gráfica Verbal.				
12. Texto é espacialmente predominante e autônomo no sentido da narrativa/poesia.				
13. A Linguagem Gráfica Pictórica tem função decorativa, redundante ou complementar ao texto escrito.				
14. Ilustração e texto escrito podem ser apreciados separadamente.				
15. O potencial comunicativo da composição esquemática, bi e tridimensional é pouco explorado (Linguagem Gráfica Esquemática).				

Fonte: Elaborado pelos autores.

4. Descrição das Classificações Unificadas dos Livros da Literatura Infantil

Em uma passagem do livro “Alice no País das Maravilhas”, escrito pelo britânico Lewis Carroll (1832 -1898), a personagem Alice estava aborrecida de ficar sentada ao lado de sua irmã, no jardim. Alice, ao observar o livro que a irmã lia, implicava: “De que serve um livro sem figuras nem diálogos?”. Em contrapartida, a obra citada é povoada de muitas figuras e diálogos. Como em tantas outras, as imagens buscam conquistar os jovens leitores. A importância do design gráfico nos livros para crianças pode ser constatada empiricamente ao visitar-se livrarias. Como já foi referido anteriormente, teóricos como Luís Camargo (1995, 2004, s/d), Ulla Rhedin (1992), dentre outros, apresentam classificações para as variações deste tipo de produto. Entende-se, que o Livro da Literatura Infantil é um produto intelectual e, como tal, encerra conhecimento e expressões coletivas ou individuais que foram experiências, fundamentalmente, ao longo dos últimos dois séculos. Isso significa afirmar, que o design do Livro de Literatura Infantil não é algo estável, mas está em constante processo de construção. A seguir, apresenta-se uma breve descrição de uma parcela destes livros impressos, que possuem certas características comuns, os quais puderam ser unificados nessa proposta de classificação.

4.1. O Livro Brinquedo

É um livro cuja materialidade é adaptada às atividades práticas e lúdicas propostas pelo(a) autor(a). Caracteriza-se como um objeto multissensorial, interativo e/ou mutável cujo suporte de leitura convida a criança à atividade sensorio-intelectual. Na prática pedagógica, é um aliado ao letramento literário, pois pode incentivar o gosto das crianças pelo objeto-livro, fomentar sua apreciação e estimular a leitura antes mesmo da alfabetização escolar. Possui elementos interativos bidimensionais (recorte, colagem, pintura, etc.) e/ou tridimensionais (pelúcia, tecidos variados, plásticos, abas, encaixes que saltam das páginas quando abertas, etc.). Tal produto convida o leitor a colocar a história em movimento, explorando sobretudo o potencial comunicativo da Linguagem Gráfica Esquemática, com ênfase no suporte utilizado. Pode conter Linguagem Gráfica Pictórica e Verbal; porém, esta última é menos comum, visto que seu uso é feito por crianças ainda não letradas. Abaixo, são apresentados exemplos de páginas do Livro brinquedo *Era uma vez* (2015), do Ilustrador francês Benjamin Lacombe (1982-). A obra apresenta oito (8) contos clássicos: Alice no país das maravilhas, Pinóquio, a Bela Adormecida, Barba Azul, Peter Pan, Chapéuzinho vermelho, Polegarzinha e Madame Butterfly. Esta obra recebeu, em 2016, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), um prêmio na categoria de “Melhor Livro Brinquedo”.

Figura 18: *Era uma Vez* (2015), de Benjamin Lacombe.



Fonte: Lacombe (2015).

4.2. O Livro de Imagem

É um livro cuja ilustração é espacialmente preponderante em relação ao texto que, em alguns casos, pode estar ausente. Esse tipo de livro não precisa explicitar todas as mensagens, mas convida o(a) leitora a pensar, ao enfatizar seus sentidos implícitos e suas metáforas visuais. Constitui-se, fundamentalmente, como uma narrativa, que combina duas condições básicas para sua realização, a saber: uma sequência linear das imagens (dimensão temporal) e uma lógica de organização espacial dos elementos que compõem as imagens (dimensão espacial). Possui ênfase na Linguagem Gráfica Pictórica, cujos códigos - cor, traço, luz e sombra, contraste, textura, volume, disposição espacial, escala, entre outros - dão nexos à narrativa e colaboram para a leitura das imagens. A leitura não é somente descritiva, vinculada a uma referência da existência dos objetos, mas enriquecida semanticamente para dar condições ao leitor de maturação de sentidos. Abaixo, exemplos de páginas do Livro de Imagem *Onda* (2008), de Suzy Lee (1974-). Exceto pelo título na capa e pelos dados bibliográficos acrescentados ao final da obra, o livro não possui textos escritos. A comunicação ocorre através de uma sequência de imagens que se apresenta a cada virada de página. O formato do livro colabora para enfatizar ao leitor a sensação vivenciada pela personagem.

Figura 19: Páginas do Livro *Onda* (2008), de Suzy Lee.



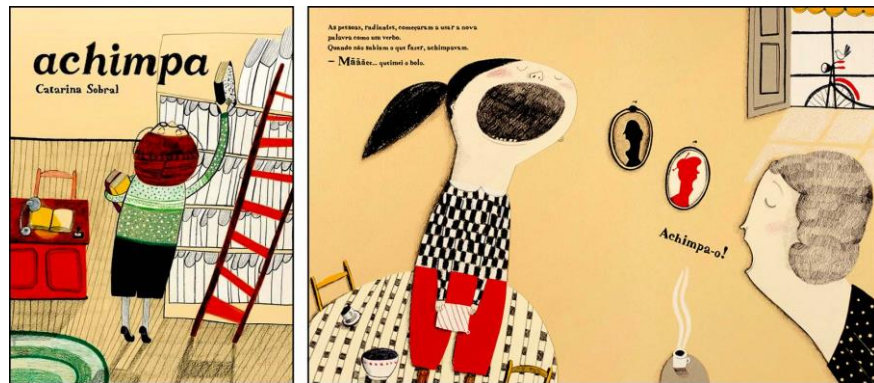
Fonte: Lee (2008).

4.3. O Livro Ilustrado

Este tipo de livro combina mensagens visuais e verbais, criando um efeito de duas vozes interlocutoras indissociáveis. Nele, as figuras, o texto escrito e a estrutura do livro (formato, textura, etc.) fazem parte da experiência de leitura. São companheiras no ato de contar histórias. Possui ênfase na relação híbrida e interdependente entre todas as Linguagens Gráficas (Pictórica, Verbal e Esquemática). Geralmente, os textos são breves, com predomínio da Linguagem Gráfica Pictórica. Sua narrativa ou poesia imbrica a ilustração ao texto, alternando a maneira como o leitor lê a obra literária; pois, as imagens preenchem lacunas existentes no texto. A leitura, portanto, precisa ser abrangente e considerar a totalidade do objeto-livro para a produção de sentidos. Inclusive, a ilustração pode substituir partes do texto escrito, ampliá-lo, adicionar interrogações, oferecer outras possibilidades de leitura e impressões. Para exemplificar esta classificação, cita-se a obra *Achimpá* (2012), da autora-illustradora portuguesa, Catarina Sobral (1985). Nesta obra, a autora explora dispositivos similares aos balões de histórias em quadrinho (HQ) para expressar as distintas vozes das suas

personagens. Esta opção acaba gerando um jogo polifônico de linguagem. O enredo da estória orbita em torno das interpretações dadas pelas personagens quanto ao significado de uma palavra descoberta.

Figura 20: Páginas do Livro *Achimpa* (2014), de Catarina Sobral.

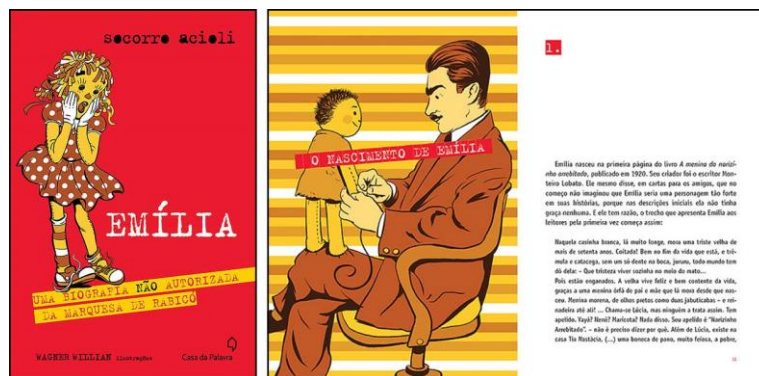


Fonte: Sobral (2014).

4.4. O Livro com Ilustração

Ao contrário do Livro Ilustrado, o Livro com Ilustração não possui uma relação interdependente entre as LGs, e sim de total independência das mesmas. Neste tipo, o livro que possui ênfase na Linguagem Gráfica Verbal. A história é narrada principalmente pelo texto, espacialmente predominante e autônomo no sentido da narrativa/poesia, e as ilustrações só o complementam ou adornam; ou seja, a Linguagem Gráfica Pictórica tem função decorativa, redundante ou complementar ao texto escrito. Nesse sentido, ilustração e texto podem ser apreciados separadamente. O potencial comunicativo da composição esquemática, bi e tridimensional é pouco explorado. Aspectos como formato, tamanho, capa, contracapa, tamanho da letra, qualidade e textura do papel, dentre outros, são adequados e dosados para gerar informações complementares ao texto literário. Entretanto, não afetam diretamente a estória/história narrada. Abaixo, exemplos de páginas do Livro *Emília - Uma biografia não autorizada da marquesa de Rabicó* (2008), de Acioli Socorro (1975-).

Figura 21: Páginas do Livro *Emília - Uma biografia não autorizada da marquesa de Rabicó* (2012).



Fonte: Socorro (2012).

5. Considerações Finais

Esta pesquisa investigou algumas estratégias utilizadas para o design do Livro impresso de Literatura Infantil. Para tanto, partiu-se do estudo das classificações propostas por Luís Camargo (1995, 2004, s/d), Bruno Munari (2008), Sophie Van der Linden (2011), Ulla Rhedin (1992) e Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011). Após, efetuou-se a análise e agrupamento destas classificações, segundo as características comuns e os recursos expressivos das Linguagens Gráficas exploradas. Como consequência, chegou-se a quatro (4) classificações básicas para os tipos de livros impressos de Literatura Infantil, quais sejam: Livro Brinquedo, Livro de Imagem, Livro Ilustrado e Livro com Ilustração. O Livro Brinquedo, muito utilizado na prática pedagógica, é um grande aliado do letramento. Seus elementos interativos bidimensionais e/ou tridimensionais convidam o(a) leitor(a) a participar ativamente da mensagem proposta pelo livro. O Livro de Imagem, cuja ilustração é preponderante, caracteriza-se por ser uma narrativa visual. Seus códigos visuais enfatizam ao leitor a sensação vivenciada pela personagem. O Livro Ilustrado, o qual combina narrativas visuais e verbais, cria um efeito de duas vozes. Nele, a ilustração e o texto escrito são companheiros no ato de contar estórias/histórias. O Livro com Ilustração, produto mais tradicional, possui ênfase na Linguagem Verbal. A estória/história é narrada pelo texto escrito e as figuras possuem função decorativa ou complementar a ele. Entende-se, que estas classificações sintetizam as ideias dos autores estudados. Além disso, seu descritivo colabora para a compreensão conceitual do produto final resultante por parte de interessados no campo.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1987.
- CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
- _____. **Ilustração em livros de literatura infantil**. Glossário Ceale - UFMG, s/d. Disponível em <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/ilustracao-em-livros-de-literatura-infantil>> Acesso em março de 2017.
- CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado aberto. 1994.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Literatura Infantil: estudos**. São Paulo: Editora Lotus, 1975.
- COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Ática, 18ed, 1999.
- FINIZOLA, F. **Tipografia vernacular urbana: uma análise dos letreiramentos populares**. São Paulo: Ed. Bluches, 2010.
- FINIZOLA, M. F. ; COUTINHO, S. G. . **Identificação de padrões na linguagem gráfica verbal, pictórica e esquemática dos letreiramentos populares**. In: 5º Congresso Internacional de Design da Informação, 2011, Florianópolis. Anais do 5º Congresso Internacional de Design da Informação. Florianópolis: SBDI/UFSC, 2011. p. 1-12.

- FUENTES, Rodolfo. **A prática do design gráfico: uma metodologia criativa**. Trad. Osvaldo Antonio Rosiano. São Paulo: Edições Rosari, 2006.
- HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros**. 2. ed. São Paulo: Rosari, 2007.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LACOMBE, Benjamin. **Era uma Vez**. São Paulo: Ed. Positivo, 2015.
- LEE, Suzy. **Onda**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LEE, Suzy. **Trilogia da Margem**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- MUNARI, Bruno. **Das Coisas Nascem Coisas**. Trad. de José Manuel de Vasconcelos. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- NIEMEYER, Lucia. **Tipografia: uma apresentação**. Rio de Janeiro: 2AB, 2003.
- NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Livro ilustrado – Palavras e imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- PAIVA, A. A produção literária para crianças: Onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA; A.; SOARES, M (Orgs.). *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- Costa, Jorge Alberto Paiva da. **O design da ilustração no livro ilustrado brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012. Disponível em <<http://sitios.anhembi.br/tedesimplificado/bitstream/TEDE/1600/1/Jorge%20Paiva.pdf>> Acesso em dezembro de 2016.
- PAIVA, Natália Moraes Noletto de; COSTA, Johnatan da Silva. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça? In: **Psicologia.pt**, 2015. Disponível em <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>> Acesso em agosto de 2016.
- POWERS, Alan. **Era uma vez uma capa – História ilustrada da Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- RHEDIN, Ulla. **Bilderboken: pa vag mot en teori [The picture book - towards a theory]**. Summary in English of Doctoral Dissertation – Department of Literature of University of Gothenburg. Stockholm: Alfabeta, 1992, p. 266 – 273.
- SOBRAL, Catarina. **Achimpá**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2014.
- SOCORRO, Acioli. **Emilia - Uma Biografia Não Autorizada da Marquesa de Rabicó**. São Paulo: Ed. Casa Da Palavra, 2012.
- SOSA, Jesualdo. **A Literatura Infantil**. Trad. de James Amado – São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- SPINILLO, Carla Galvão. **Linguagem gráfica**. Notas de aula da disciplina de Linguagem gráfica pictórica. Departamento de Design; Universidade Federal do Paraná, 2016.
- VAN DER LINDEN, Sophie. **Para ler o livro ilustrado**. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.